

Vinicius de Moraes. O Poeta da Paixão
de José Castello, Companhia das Letras, São Paulo, 1993

Luiz Duboc
Publicitário

“Porque a poesia é a amante espiritual dos homens,
aquela com quem eles traem a rotina do cotidiano.”
Vinicius de Moraes

Estamos sem Vinicius há quatorze anos e dois meses. Fora, quantas circunstâncias de se continuar a ser pego e levado cativo, de novo, pelas palavras amor, amigo, mulher - ou por algumas de suas conseqüências quando em movimento -, poesia, vida, generosidade, alegria, destino, liberdade.

Não é pedir pouco, sei, mas andam fazendo falta momentos assim, aqui no quintal ‘merdeilleux’ — viva Murilo Mendes — que vamos desabitando sem graça (até a Copa do Mundo se traz — se trai — num empate).

Quem sabe, não mais que de repente, em vez de ler mais uma resenha sobre a biografia de Vinicius de Moraes, de José Castello, *O Poeta da Paixão*, Companhia das Letras, você podia é estar nas suas páginas? Devia. Se outra não fosse, pela única dívida inadiável que todos contraímos com o ser amado ao nos apaixonarmos. Convém sempre lembrá-la, sem medo do ridículo da reprise, porque foi paga pelo poeta, sem apelação, com “Eu possa me dizer do amor (que tive): / Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure”: uma das mais infalíveis definições que o amor já teve na língua portuguesa.

Mas existem outros motivos bem legítimos para se mergulhar nas suas 452 páginas. São legíveis, honestas, mantêm o interesse. É obter muito, atualmente. Ainda mais numa literatura que só há pouco vem praticando o fato de que não é mera coincidência a semelhança entre biografia e romance. Quantas vezes ouvimos que a vida de fulano daria um bom romance? Pois o romance, para ser exato, os nove romances da vida de Vinicius renderam uma boa biografia. É um livro bonito, bom de ilustrações.

José Castello levou ano e meio pesquisando para escrevê-la, segundo matéria na época do lançamento (março passado), foram 200

entrevistas, falou com seis das nove mulheres (oficiais) do poeta, examinou e estudou os textos de e sobre Vinicius; o material vem farto, nota-se. Sem tornar-se inconveniente, consegue nos revelar o homem. Sem precisar ser chato para mostrar que conhece poesia (vício da praça), mostrou.

De cara, um acerto que dispensa adjetivos: o biógrafo desmistifica a história de “poetinha”. A persona simpática, pitoresca, do homem cordial (que deve ter sido, mas não somente, quem é ?) 48 horas diárias, alimentada, na maioria das vezes, infantilmente pelo poeta mesmo, com fatias que deixava à moda do segundo caderno mais à mão. Inflacionando o lugar comum que a imagem pública reduz “poeta”, ao câmbio de nos levar o escritor inteiro.

Vinicius de Moraes morreu de overdose líquida, gasosa, abstrata e bem concreta — de vida. Melhor, via Drummond: “Vinicius é o único poeta brasileiro que ousou viver sob o signo da paixão. Quer dizer, da poesia em estado natural.” O que não o impediu de ser uma personalidade séria culturalmente, como José Castello foi buscá-la, mas que não levava a vida tão seriamente. Talvez seja esta a maior homenagem a Vinicius: uma biografia a sério dele.

Vinicius deve ter dado sempre trabalho, é mais do que impressão. Trata-se de uma vida fascinante. Se há episódios de todos os feitios, não há para todos os gostos. Se há assuntos que valem a tentação, não vale resistir a ela. Sem fugir do óbvio, que é satisfazer a curiosidade do leitor, também não ficam mal-entendidos para trazer a alma do poeta.

Seu ambiente de formação intelectual está recriado com apuro. Desde as andanças metafísicas respirando atmosfera carregada de petulância fascista, namoricos integralistas, ego inchado de não-me-toques esotéricos, sem faltar a culpa católica combinada com os exigentes chamados da carne; o sonetista brilhante que conseguiu beber na fonte inglesa e pulava, à noite, os muros de Oxford vivendo seu primeiro amor de verdade. Até bater de frente com a realidade brasileira: guia do escritor americano Waldo Frank, socialista convicto, para descobrir o Norte-Nordeste, acaba guiado — “Saí do Rio um homem de direita e voltei um homem de esquerda”. A partir daí, vida aberta, mulheres acontecem, paixões vão ardendo, parceiros vão se compondo, amigos não param de nascer; poeta, vai-se fazendo homem. Anjo caído que planeja com sensibilidade sua queda.

A obra vai atrás do equilíbrio. Obrigatório, se o objetivo é levantar uma vida completamente multifacetada, com direito a mudanças de perspectiva, conforme a luz do coração jogava no prisma do seu dia-a-dia. E recebia de volta, “atravessando a vida como um camaleão, absorvendo os matizes dos vários mundos em que esteve, das várias mulheres que amou, dos muitos amigos do peito que adotou como irmãos”.

Vinicius trouxe a noção de poesia para o cotidiano, seduziu-a na frente dos padrões e padrões literários e abandonou-a em todas as ruas por onde andou. Desintelectualizou-a, e a si mesmo, sem a menor cerimônia, resolvendo isso pelo caminho de seu comércio humano para encurtar a distância que ele, pretensiosamente, pretendia enorme, no começo da jornada, entre sua poesia e o grande público. Acompanhar isso também nos faz virar as páginas.

Se, ao final, surge um homem fragmentado, os cacos são nossos, no sentido de que o destino de fragmentação de todos nós não vai ser muito diferente — o que está no lugar, por falar nisso, neste final de século?

Ficou uma pequena impressão: o trabalho, às vezes, não segura a avalanche de informações que espalha. Fica uma grande pena: para alguém que exija um pouco mais, e de perto, dos últimos dias do poeta, parece que a biografia se ressentia quando toca no assunto de sua relativa pacificação conquistada. Salta uma pressa na delicadeza?

Ler a vida de Vinicius. Por quê? “Só por amor / Só por paixão / Só por você / ... Só por saber / Que o coração sabe demais / Que a razão não tem razão”. Ou para ir descobrindo que a razão sabe demais que o coração não tem coração. Principalmente, dos poetas. Você decide?